

CÂNDIDO

#103 | FEVEREIRO DE 2020 candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

OS VOOS DE POE

O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849), autor do poema “O Corvo”, é um dos nomes fundamentais da literatura moderna e ainda hoje influencia diferentes formas de expressão

ILUSTRAÇÃO: TITA BLISTER

DE ESCRITOR PARA ESCRITOR

AMARILDO HENNING

LUCI COLLIN

E escrever o mundo deriva de ver o mundo. Isso que parece óbvio, na verdade remete a uma experiência complexa que é o compromisso que um escritor tem de desenvolver um olhar especial para as coisas do mundo. Pessoas, insetos, relva, lixo, texturas, mares, cores, areias, sorrisos, angústias, abraços, injustiças: coisas do mundo. Esse compromisso de se ter olhos amorosamente perceptivos é um pacto que alimenta a essencialidade da escrita. Buscar humilde e pacientemente uns olhos atentos, empenhados em observar não só a instância visual das imagens, mas tudo que os sentidos nos oferecem, é abrir-se em leituras. Olhos são metáforas, que são acesso.

Acredito na palavra compromisso. Para aprofundá-la, levanto aqui uma questão que costuma aparecer quando alguém começa a se envolver com a escrita: o talento. Como administrar o dom da escrita? Ele, o misterioso talento, é o que determinará sua voz, sua dicção de escritor / a, afinal? Bem, compromisso é um entendimento fundo de tendências, competências, percepções e... de talento.

TALENTO

Algo que me intrigou desde sempre é o talento. Quando comecei a escrever, tive a oportunidade de mostrar meus textos para a grande poeta Helena Kolody. Fui algumas vezes à casa dela, e em todas essas ocasiões ela enfatizava que estudava diariamente alguns poemas. Eram haicais. Tinha alguns emoldurados na sala do seu apartamento. Me mostrava a riqueza da forma. Discorria sobre o impacto filosófico dos versos. Evidencia-



va, com olhos apaixonados, que poesia era ao mesmo tempo um atingir-se o mais profundo pela expressão do mais simples. Hoje ainda me emociono pensar que aquela poeta extraordinária “estudava” aqueles poeminhos grandiosos e deles se alimentava incessantemente. Isso é ter o sentido e a dimensão do compromisso.

Quase nessa mesma época, início da década de 1980, iniciei o bacharelado em Música na Embap. Ali, em meio aos meus jovens colegas, todos buscando administrar seus talentos, um dia recebi um ensinamento que foi decisivo, dado pelo nosso professor de Contraponto, Pe. José Penalva, excepcional compositor, que nos disse: “Talento é a obrigação que alguém tem de estudar muito”. Naquele momento entendi a dedicação de Dona Helena: há que se estudar para ser escritor, não basta ter talento. Mas não é apenas o estudo formal, de técnicas e regras. O “estudo” para o escritor é um compromisso de se aperfeiçoar o olhar, depurando-o a um grau máximo de perceptividade.

Como apurar o olhar? Lendo. Lendo muitos e muitos livros. E lendo pessoas. Nuvens. Esculturas. Lendo ondas na praia. Lendo o mundo.

MÚSICA

Me fiz escritora a partir de uma formação na música. Estudei piano desde pequena e sempre me encantou aquilo de construir um entendimento das narrativas tendo por base o texto musical. São muito parecidos o musical e o literário, a coisa das formas, da unidade, da semântica, do fraseado, das vozes, do colorido. E penso também nas melodias, na música que os personagens entoam em suas falas, nos sons que os cenários apresentam. Ao ler partituras, aprendi muito sobre literatura, sobre a escrita. A experiência com uma das linguagens artísticas ilumina a expressão de outra arte. Olhares múltiplos num único olhar.

Todo escritor, para cumprir amplamente sua função perante seu tempo sensibilizando outras pessoas, deve estar disponível para ler linhas /

entrelinhas da nossa existência. Como dizer do mundo se se olha apenas para o mundinho? Há que se cuidar com o pequeno que não tem nada de delicado, com o pequeno que é oco e indiferente, com a pequenez que usa a Arte para promoção do que é violento, egocêntrico, vulgar, discriminatório. Ser escritor é compromisso sério porque escrever é transformador, revela e constrói percepção, voz e liberdade. Constrói humanidade para além do antropocêntrico e nos coloca em redes. O compromisso: escrita e leitura são experiências preciosas e únicas. Pretende enveredar pela senda da escrita? Busque os melhores olhos. Olhos com os quais se vê tudo o que pulsa pedindo para ser emancipado. Que seu talento seja transmutação e transcendência, num compromisso apaixonado de escrever o mundo. ■

LUCI COLLIN é autora, entre outros, dos livros de contos *A Peça Intocada* (2017) e *A Árvore de Todas* (2015), do romance *Papéis de Maria Dias* (2018) e dos poemas de *Rosa que Está* (2019) e *A Palavra Algo* (2016).

cândido indica

HISTÓRIAS MÍNIMAS

Jonatan Silva, Kafka Edições, 2019

Por meio de diferentes vozes, e sob óticas inusitadas, as breves narrativas do segundo livro de Jonatan Silva suscitam reflexões sobre o lado obscuro da espécie humana. Para dar corpo aos contos, o autor vai de referências literárias a personagens bíblicas, passando por obsessões comportamentais e descrições de cenas banais que guardam significados maiores. Entre outras situações, há um diálogo inusitado entre Robert Walser e André Breton, possivelmente espelhando o surrealismo que é ligado ao nome do segundo, e as impressões de uma flor em meio ao lixo, cujas ponderações podem se aplicar à condição humana — como quando ela constata que é possível se acostumar até com o cheiro de merda, por exemplo, já que isso faz parte “daquilo que chamam vida”.



MONSTRUÁRIO DE FOMES

Ruy Proença, Patuá, 2019

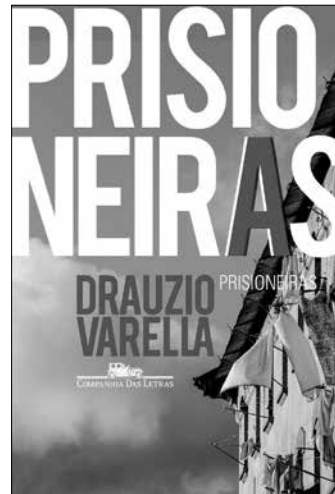
Em seu sexto livro, o paulistano Ruy Proença revisita o poema em prosa — uma forma híbrida que ele não praticava desde sua estreia, em 1985, com *Pequenos Séculos* — e segue flertando com o extraordinário, andando na corda bamba entre o registro seco e o devaneio. Dividida em duas partes, “Estetoscópio” e “Papel-carbono”, a obra trabalha tanto com os impulsos subjetivos que movem o homem quanto com a incorporação de vozes alheias. Assim, como conjunto, *Monstruário de Fomes* parece investigar duas facetas da espécie humana — as particularidades de cada um e o esforço de se tentar enxergar com os olhos dos outros.



PRISIONEIRAS

Drauzio Varella, Companhia das Letras, 2017

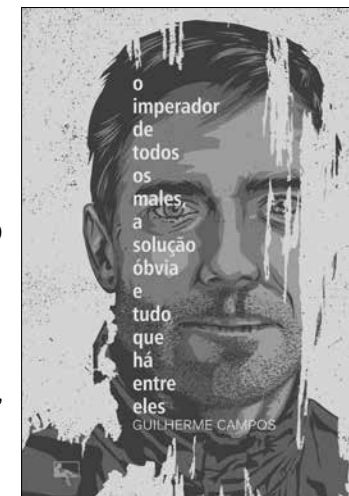
O último volume de uma trilogia sobre o sistema carcerário brasileiro traz o olhar de quem foi médico voluntário na Penitenciária Feminina da Capital, em São Paulo. Nessa trajetória iniciada em 2006, o autor de *Estação Carandiru* (1999) e *Carcereiros* (2012) ouviu muitas das mais de 2 mil detentas, conhecendo suas trajetórias e aprendendo sobre a dinâmica e especificidades do ambiente — a solidão (“De todos os tormentos do cárcere, o abandono é o que mais aflige as detentas”), a hierarquia, o consumo de álcool, maconha e cocaína (“Ainda está para ser criada a cadeia livre de drogas ilícitas”) e a presença do Primeiro Comando da Capital (PCC), entre outros temas e situações.



O IMPERADOR DE TODOS OS MALES, A SOLUÇÃO ÓBVA E TUDO QUE HÁ ENTRE ELES

Guilherme Campos, Arte & Letra, 2019

Em 19 contos, o curitibano Guilherme Campos passeia por várias questões que pesam na contemporaneidade, dando atenção especial ao uso da linguagem — flertes com o concretismo, onomatopeias, perguntas que ficam somente subentendidas, diferentes vozes em primeira pessoa. A narrativa de abertura, “O Imperador de Todos os Males”, trata da ascensão social questionável de Ângelo Emanuel dos Santos. Por meios escusos, o homem fica bem financeiramente, mas perde sua capacidade de “enxergar poesia nas relações humanas”. Esse processo de desumanização trabalhado já no início antecipa temas que são abordados em outros textos, como a vaidade, a desigualdade social e o tédio.



CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**
Secretário da Comunicação Social e da Cultura: **Hudson José**
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná: **Ilana Lerner**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**
Editor: **Omar Godoy**
Redator: **João Lucas Dusí**
Projeto gráfico e design: **Thapcom**

Colaboradores desta edição:
Cinthia Kriemler, Fábio Galão, Irineo Baptista Netto, Tita Bliester, Juliana de Albuquerque, Livia Garcia-Roza, Luci Collin, Ma Matiazi
Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:

📄 candido.bpp.pr.gov.br
📱 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação:

📄 bpp.pr.gov.br
📱 [bibliotecapr](https://www.facebook.com/bibliotecapr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam a opinião do jornal.

PENSATA

A coluna abre espaço para que escritores, tradutores, jornalistas e pesquisadores reflitam sobre temas ligados à literatura, livro e leitura. Nesta edição, Irineo Baptista Netto mostra que literatura de não ficção também pode envolver um pouco de fabulação.

UM BOCADO DE IMAGINAÇÃO

IRINÊO BAPTISTA NETTO

Uma matriarca da literatura de não ficção, Janet Malcolm, autora de *O Jornalista e o Assassino*, hoje com 85 anos, está interessada em escarafunchar o que um texto baseado em fatos é ou não é capaz de fazer.

No livro *Lendo Tchekhov*, ela confronta (“compara” é um verbo leve demais) 14 versões sobre a morte do escritor russo de “O Beijo”. Todas respeitam alguns fatos básicos: Tchekhov morreu num quarto de hotel; ele foi atendido por um médico alemão; o escritor disse para o médico: “Estou morrendo”, em alemão (*Ich sterbe*); ele tomou uma taça derradeira de champanhe, depois deitou e morreu. Era 2 de julho de 1904. No quarto, além do dr. Schwöhrer, estavam a esposa de Tchekhov, Olga Knipper, e o estudante Lev Rabeneck, que presenciou a morte por acaso.

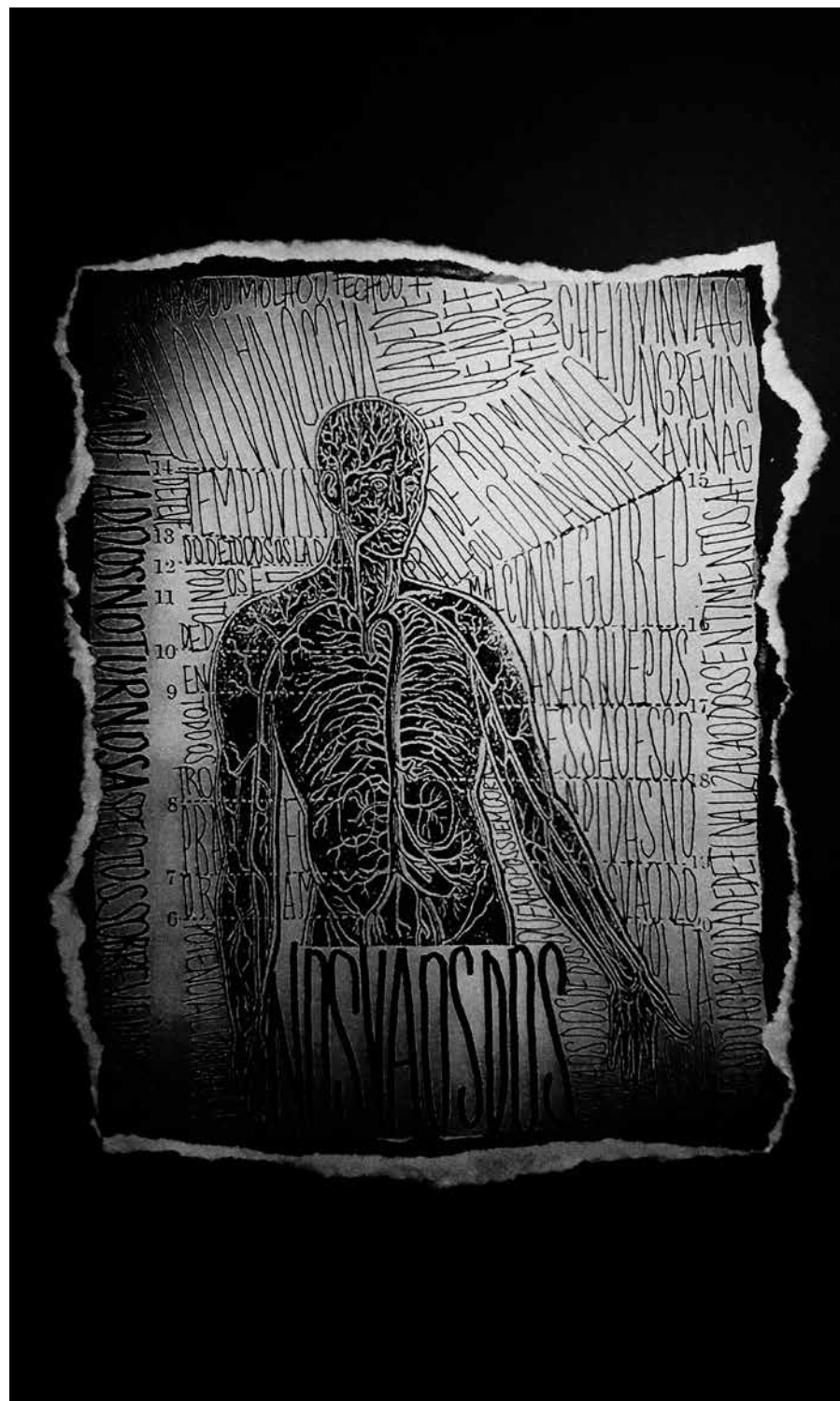
Olga escreveu dois relatos, um em 1908 e outro em 1922. Lev foi escrever sua versão somente em 1958. O médico não deixou um relato pró-

prio, mas foi citado três dias depois como referência num artigo assinado com as iniciais S.S. Um jornalista russo que escreveu sobre a morte no dia seguinte e mais oito biógrafos que publicaram seus livros entre 1937 e 1998 completam a lista de referências. Os fatos básicos não mudam de um relato para o outro, mas os detalhes mudam bastante. E parece que as versões vão ficando mais floreadas com o passar do tempo. Em seu segundo relato, de 1922, Olga escreve:

Ele [Tchekhov] então pegou uma taça, virou seu rosto para mim, abriu seu fantástico sorriso e disse: “Há muito tempo não bebo champanhe”, esvaziou calmamente sua taça, deitou-se tranquilamente apoiado no lado esquerdo e calou-se para sempre. O terrível silêncio da noite só foi perturbado por uma grande mariposa que entrou no quarto como num redemoinho, debateu-se aflita contra as lâmpadas elétricas e voou às tontas pelo aposento (Malcolm, 2005, p. 61-62).

Numa biografia de 1950, *A Life of Chekhov (Uma Vida de Tchekhov)*,

TITA BLISTER



Irène Némirovsky descreveu a mesma cena assim:

Uma grande mariposa negra entrou no aposento. Voou de encontro às paredes, lançando-se contra as lâmpadas acesas, caindo dolorosamente no chão, com as asas chamuscadas, para esvoaçar de novo, no seu voo cego, impulsivo. Então, encontrando aberta a janela, desapareceu na noite sombria e amena. Nesse meio-tempo, Tchekhov tinha parado de falar e respirar: sua vida tinha chegado ao fim (Malcolm, 2005, p. 66).

As leituras de Malcolm culminam na biografia publicada por Philip Callow em 1998, *Chekhov: The Hidden Ground (Tchekhov: A Base Oculta)*, em que ele usa detalhes que tinham sido inventados pelo escritor Raymond Carver numa coletânea de contos publicada nove anos antes: surge um telefone que o médico usa para pedir uma garrafa do melhor champanhe disponível no hotel; surge um jovem que levou o champanhe até o quarto e que tinha a aparência cansada e o paletó abotoado pela metade; e surgem três taças, uma bandeja de prata e um balde de gelo. Carver construiu um relato meio ficcional e meio factual da morte de Tchekhov, e Callow tomou tudo como fato, usando as informações na biografia sem fazer a devida referência (Malcolm descobriu a manobra porque conhecia o conto de Carver). “Carver pecou contra o espírito da ficção tanto quanto Callow pecou contra o espírito dos fatos. Como Callow não nos informa o que ele pegou de Carver, da mesma forma Carver não nos informa o que ele pegou de Olga e dos biógrafos”, diz Malcolm (2005, p. 69).

Para o jornalista Otávio Frias Filho, com os relatos da morte de Tchekhov, Malcolm faz um “exercício fascinante de crítica comparada”:

O leitor sai da experiência [de ler Malcolm] persuadido de que Tchekhov morreu de forma não muito diversa da narrada (não há discrepâncias relevantes entre os relatos), mas também de que sua morte, tal como realmente ocorreu, jamais será conhecida. Malcolm deduz dessa cena a trivialidade de toda biografia, e filosofa que o âmagor morre conosco, o que perdura é a casca (Frias Filho, 2011, p. 165-166).

No episódio da morte de Tchekhov, as informações elementares foram respeitadas por autores diferentes. Mas há casos em que até um dado aparentemente simples consegue virar um problema. Num exercício parecido com o de Janet Malcolm, e posterior, o escritor George Saunders, no romance *Lincoln no Limbo*, extrai fragmentos de dezenas de livros históricos para criar uma narrativa que se passa no cemitério em que foi enterrado o filho de Lincoln, Willie, que de fato morreu aos 11 anos, de febre tifoide. Não é fácil descrever a obra de Saunders. Ele mistura fragmentos históricos, devidamente referenciados com livro e autor (resta saber se são todos do mundo concreto, mas vários são), com o que dizem personagens fictícios (como os fantasmas que habitam o cemitério). Esses fantasmas ficam comovidos com aquele homem alto e magro que continua a visitar o túmulo de seu filho (na ficção, Lincoln volta ao cemitério várias vezes para abraçar o corpo do menino morto e os fantasmas querem saber do menino — do fantasma do menino — qual é a sensação de ser tocado assim por alguém vivo quando se está morto?).

Nesse contexto, há um momento em que Saunders (2018, p. 228-229) procura montar um retrato de Lincoln a partir de descrições encontradas em textos históricos e algo simples como a cor dos olhos do presidente americano se torna um mistério indecifrável:

Seus olhos cinza-escuros, límpidos, muito expressivos, variando conforme o estado de espírito.
The Life of Abraham Lincoln, Isaac N. Arnold.

Seus olhos eram claros, penetrantes, com uma luminosa coloração cinzenta.

Lincoln’s Photographs: A Complete Album, Lloyd Ostendorf, relato de Martin P. S. Rindlaub.

Olhos entre o cinza e o castanho enterrados sob grossas sobrancelhas e circundados por rugas profundas e escuras.

Personal Recollections of Mr. Lincoln, Marquis de Chambrun.

Seus olhos eram de um castanho-azulado.

Herndon’s Informants, editado por Douglas L. Wilson e Rodney O. Davis, relato de Robert Wilson.

Seus olhos eram de um cinza-azulado — embora sempre escurecidos pelas pálpebras superiores, anormalmente pesadas.

Six Months in the White House: The Story of a Picture, F. B. Carpenter.

Bondosos olhos azuis, semiencobertos pelas pálpebras.

With Lincoln from Washington to Richmond in 1865, John S. Barnes.

Eu diria que os olhos do presidente Lincoln eram de um cinzento-azulado ou de um azul-acinzentado, porque o azul, sem ser dominante, sempre era visível.

Notas de Ruth Painter Randall, relato de Edward Dalton Marchant.

Diante dessa profusão de cores, não há como saber qual é a informação certa ou a mais próxima da realidade. Não há acordo. Quem tem razão? (Além disso, como mostrou Malcolm no caso dos biógrafos de Tchekhov, o exercício de escrever um texto de não ficção envolve às vezes um bocado de imaginação.) ■



O INVASOR

Convidado da 3ª Festa Literária da BPP, o historiador e biógrafo falou sobre liberdade de expressão, seu método de trabalho e os bastidores do processo movido contra ele por Roberto Carlos

Publicado — e recolhido — há mais de 13 anos, o livro *Roberto Carlos em Detalhes* (2006) ainda dá o que falar. Símbolo da luta pela liberação da publicação de biografias não autorizadas, a obra censurada pelo “Rei” foi o assunto central de um bate-papo com o historiador baiano Paulo Cesar de Araújo realizado durante a 3ª edição da Festa Literária da Biblioteca Pública do Paraná (Flibi), em outubro do ano passado.

Durante o encontro, mediado pelo jornalista José Carlos Fernandes, Araújo falou sobre os bastidores do processo movido contra ele pelo cantor — tema de outro livro, *O Réu e o Rei: Minha História com Roberto Carlos, em Detalhes* (2014) —, o apoio que recebeu de figuras de peso da classe artística e as diferenças entre os métodos de jornalistas e historiadores. “Os jornalistas, às vezes, aceitam a fonte sem maiores questionamentos. O historiador, até por dever de ofício, está sempre ali problematizando a fonte”, diz o escritor, que só viu seu livro ser liberado em 2015, quando o Supremo Tribunal Federal derrubou a necessidade de autorização prévia para esse tipo de publicação.

OBJETO DE ESTUDO

Desde o momento em que eu me propus a pesquisar, escrever e refletir sobre a obra de Roberto Carlos, ele é meu objeto de estudo. Então, tudo o que aconteceu, que pode vir a acontecer, encaro como parte do trabalho. Vou apenas acrescentando informação. Qual foi a tese principal dele para pedir a proibição do livro? “Que a minha história, bicho, é um patrimônio meu. Esse cara, ao escrever esse livro, se apropriou do meu patrimônio.” Por isso pediu minha prisão e R\$ 500 mil por dia. Ele acredita que a história é uma propriedade particular, e quem escreve um livro sobre ele sem

autorização está se apropriando disso. Eu quis dar um nó na cabeça do Roberto Carlos quando escrevi *O Réu e o Rei: Minha História com Roberto Carlos, em Detalhes*. Mas, para além disso, é contar uma luta por maiores liberdades públicas. Meu livro foi o caso mais emblemático, mas logo depois uma biografia de Guimarães Rosa foi proibida, do Noel Rosa, do Lampião também. Essa visão patrimonialista da História estava se alastrando por vários setores — influenciados por Roberto Carlos, inclusive. Sendo personagem, tendo acesso às informações, ter participado dos bastidores, me senti na obrigação de relatar isso. É um livro do qual me orgulho muito por tudo o que aconteceu, até porque nós fomos vitoriosos nessa luta. Esse debate chegou ao STF, em junho de 2015, com nove votos a zero. Houve unanimidade, algo raro. A minha ideia era responder essas perguntas: quem é Roberto Carlos, de onde ele veio, quem ele influenciou, por quem foi influenciado? E partir para outros livros, outros projetos. Mas, em função da proibição, de toda repercussão e de todo fato novo, percebi que esse tema por si só daria um livro.

ENCONTRO COM O REI

Fiquei 15 anos tentando uma entrevista com o Roberto Carlos. Quando comecei a pesquisa do livro, eu estava ainda na faculdade, mas estava pesquisando a música brasileira inteira. Então fui entrevistar Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Nelson Ned, Waldick Soriano e, ao mesmo tempo, tentando entrevistar Roberto Carlos. As respostas que eu queria, as questões que coloquei no livro, consegui responder mesmo sem uma entrevista pessoal, pesquisando em outras entrevistas e personagens em volta. O meu encontro com ele, frente a frente, foi exatamente no Fórum Criminal da Barra Funda. Eu estava lá com o meu objeto e ao mesmo tempo meu algoz. Quando vi o desenrolar da audiência, e quando percebi que ele não queria só proibir o livro, mas queria todos os exemplares que estavam no depósito da editora e que os outros fossem recolhidos, foi aí que levantei e disse: “Roberto. Isso que está sendo decidido é ruim para mim, é ruim para o livro, para a editora, mas é ruim principalmente para você. Queimar livros no século XXI é barbárie. Isso nos remete ao nazismo, às ditaduras. Isso vai ser uma mancha na sua biografia. Não a que eu fiz, mas a sua própria”. Mas não teve jeito, e ele falou: “Não. Eu quero que fique o que foi acordado”. E assim foi.

DE FÃ A BIÓGRAFO

O historiador tem não só que escolher um tema, ele tem que explicar o tema e compreender os personagens. Conhecendo o Roberto Carlos como eu conheço, sabendo

de suas limitações, das contradições, isso não me atinge pessoalmente. Não é a mim que ele está atingindo. O Roberto nunca teve intimidade com livro, ele nunca foi um leitor. A formação dele não foi essa, ele sempre leu revistas em quadrinho, gibis, viu televisão — *Fantástico*, *Big Brother*, novela. Nesse sentido, ele é um cidadão comum como qualquer outro. Claro que não concordo, por isso que estou sempre exaltando o cantor / compositor, mas problematizando o censor. Uma coisa é o Roberto Carlos, o cidadão, outra coisa é o artista, sua obra. Não acho que “Detalhes” seja uma música feia ou que “As Curvas da Estrada de Santos” ficou uma música menor depois que ele me processou. Agora, o cidadão Roberto Carlos tem suas limitações, tem uma visão patrimonialista; é uma figura conservadora em vários aspectos — em outros, progressista. Roberto Carlos sempre esteve lá e eu, aqui. Sou um pesquisador, historiador, ele é meu objeto, e daqui vou analisando.

PROIBIÇÃO

Ele proibiu o *Roberto Carlos em Detalhes* porque desde 1965 a luz não acende se ele não manda acender, e não apaga se ele não manda apagar. Imagina o cara ficar 50 anos com tudo acontecendo do jeito que ele quer, aí aparece um livro, de uma pessoa que ele não conhecia, dizendo tudo que um dia ele queria contar, e o que ele não queria também. Ele sentiu como se o chão estivesse fugindo aos pés dele. Então, independentemente do conteúdo, não foi uma frase do livro, nem um assunto, ou tópico. Por isso que ele quis proibir o livro inteiro.

TRABALHO MINUCIOSO

Parei de esperar por uma entrevista quando consegui responder as questões. Por exemplo, eu queria

ENTREVISTA | PAULO CESAR DE ARAÚJO

contar a história de todos os grandes sucessos do Roberto Carlos, como nasceu “Detalhes”, “Emoções”, “As Curvas da Estrada de Santos”. Se ele tivesse me dado um entrevista, isso ia ser resolvido em duas horas. Como não tive essa entrevista, precisei de mais tempo para vasculhar todas as possíveis entrevistas que ele deu ao longo da carreira. Um rapaz lá do Rio Grande do Sul tinha uma fita de uma entrevista do Roberto para a Rádio Guaíba em 1972. Lá, ele falava um pouco de como fez “Detalhes”. Para outro jornal, lá da Paraíba, ele falava mais outra coisinha em 1975. Fui montando o quebra-cabeça, pegava uma informação aqui, outra ali, e ao fazer isso ao longo de 10, 15 anos, montei tudo. Deu mais trabalho, tive que vasculhar muita fonte, onde tinha um rastro do Roberto Carlos eu ia. Entrevistas, rádio, televisão, além das pessoas que eu entrevistava. Por isso que muita gente se surpreende ao ler o livro, porque vê que o Roberto está falando o livro inteiro, mas não deu nenhuma entrevista para mim.

ALIADOS

Quando saí da audiência de conciliação, vi que meu trabalho de 15 anos tinha sido destruído nessa audiência de cinco horas. Quando chega segunda-feira, meu editor deixa um recado: “Você leu o que o Paulo Coelho escreveu hoje na *Folha*?”. Não entendi nada. Por que eu tenho que ler o que o Paulo Coelho escreveu na *Folha*? Quando fui ver, ele escreveu um artigo criticando o Roberto, a Editora Planeta e questionando “como se fazia uma proibição dessas em plena democracia?”, “quem é Roberto Carlos para fazer

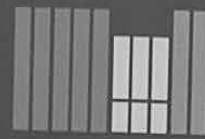
isso?”. Esse artigo foi como o Sol depois de uma noite de sombra, porque vi que não estava sozinho. Até porque a repercussão do próprio artigo foi imediata. Em pouco tempo, o mundo inteiro estava falando da proibição do meu livro. Nelson Motta escreveu um artigo me defendendo, ele que é amigo de Roberto Carlos. Zuenir Ventura, Elio Gaspari, outros artistas, amigos, professores. Em nenhum momento me senti sozinho, abandonado, nem derrotado. Ao contrário, o Roberto Carlos pode ter sentido isso. Quando as pessoas perceberam que ele queria queimar e proibir livros, aí foram críticas e mais críticas.

LIMITE DA PRIVACIDADE

O critério que eu uso, e isso é algo subjetivo, é que se um fato particular da vida dele não tem qualquer interferência, consequência, não tenho motivos para contar. Por exemplo, o artista sofre de asma. OK, ele é um asmático, em princípio não tenho que ficar falando da asma. Agora, se pelo fato de sofrer de asma ele começa a faltar shows, uma turnê é cancelada, ou então ele faz uma música “As Noites que Passei Sofrendo de Asma”, aí se torna relevante. E tenho que explicar a asma desse artista, estudar o que é asma, que doença é essa. Se você vai escrever uma biografia, não tem jeito. A biografia é uma relação entre vida e obra. Não poderia escrever uma biografia e não falar que o Roberto Carlos perdeu uma perna num acidente. Aí eu não faria uma biografia, faria um ensaio analítico ou então um perfil biográfico, pegando só um lado. O próprio gênero literário “biografia” é per-



BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



ENTREVISTA | PAULO CESAR DE ARAÚJO

turbador mesmo, ele é invasor pela própria natureza, mas é assim desde que ele surgiu. O meu compromisso é com a história, com o leitor, com a investigação, com a pesquisa, não com o personagem.

REACIONÁRIOS

Quando a gente pensa no Brasil, nós precisamos entender que a gente vive em uma sociedade em que parte dela é reacionária. Isso é parte do Brasil, nós somos isso também. É muito bacana a liberdade de expressão, defendemos isso, e está garantido na constituição. Mas, em alguns momentos históricos, essa parte mais sombria aflora mais. E esse pensamento vai aflorar com mais força se tiver reforços, apoio. Por isso que nós, que defendemos um outro ponto de vista, devemos ficar atentos. Tivemos momentos de uma maior liberdade pública, mas estamos agora em um momento muito delicado, porque esse setores estão se sentindo fortes, estão ganhando visibilidade e estão mais afoitos.

LIVRO DE MEMÓRIAS

No instante em que se consagrou o direito dos biógrafos de livremente produzir livros no Brasil, claro que vários personagens falaram: “Bom, eu mesmo vou escrever meu livro”. Paula Fernandes fez, Rita Lee, Fernanda Montenegro... Nunca se fez tanto livro de memórias como depois de 2015. Mas acho isso bom. São fontes para um biógrafo. Então, o que é um livro de memórias? É o personagem contando o que ele acha que deve contar, o que é relevante para

ele. O nome já diz, é um livro de memória. Por exemplo, o Chaplin escreveu *Minha Vida*. Contou tudo, a infância, o pai, a mãe, a história de todos os filmes dele, como surgiu a ideia. Estranhamente, Chaplin não fala nada do filme *O Circo*. Ele não quis contar nada por ser uma fase ruim da vida dele, ou porque ele não gostou do filme? Agora, um biógrafo não pode se permitir isso. Ele não pode falar só dos filmes que ele gosta de Chaplin, isso não é biografia. Inclusive, um biógrafo tem que problematizar por que Chaplin não falou de *O Circo*. Isso é trabalho do biógrafo, ele tem que ter uma tese para explicar isso.

ANÁLISE DA FONTE

As biografias que gosto de ler são sempre aquelas que usam o personagem como uma espécie de janela para você compreender uma época, essa relação do artista com o seu tempo. São os livros que procuro fazer também. Tendo esse olhar histórico, essa contextualização das ações humanas, do personagem no seu tempo, a sua relação com os embates, com as polêmicas, para além daquilo que é pessoal. Quando você lê um livro escrito por um historiador, você percebe as nuances, ele costuma ter uma análise mais crítica da fonte. Os jornalistas, às vezes, aceitam a fonte sem maiores questionamentos. O historiador, até por dever de ofício, está sempre ali problematizando a fonte. Mas, por outro lado, o texto do jornalista, até pelo hábito de escrever, costuma ser mais saboroso.

LIVRE MANIFESTAÇÃO

O Ruy Castro fala que só escreve sobre pessoas mortas. Eu já não tenho a mesma opinião, tanto que escrevi sobre um personagem vivo. Para mim todos estão vivos. Não existe biografia definitiva, as fontes estão sempre aí, vivas, coisa que estava oculta aparece. Mas, voltando à questão dos direitos, o artigo 5º da Constituição diz que é livre a manifestação intelectual, artística, científica, jornalística, independentemente de censura ou licença. Vale para livro, biografia, cinema, documentários, teatro, artes plásticas, toda produção. Agora, se você usar a imagem da pessoa para vender camiseta, aí já é outra coisa, porque você está usando a imagem para uma finalidade estritamente comercial. Livros, filmes, embora sejam vendidos, sua finalidade é cultural, produção de memória. E para isso não é preciso autorização.

VERSÕES DA HISTÓRIA

Isso é uma das coisas mais difíceis, você trabalha com versões. Você está entrevistando um personagem, ele te conta uma história e você fala: “Caramba!”. É preciso, muitas vezes, ponderar e ver em que circunstância ele está falando isso. Aí tem que confrontar com outras fontes, ouvir outras versões. Não pode ter aquela ingenuidade de que se ele falou isso, aconteceu. E isso dá trabalho, é um ofício, mas ter consciência de que aquilo é uma construção é importante. Você vai encaixando em um quebra-cabeça. O biógrafo é um reconstrutor de existência, reconstruindo pontes,



Roberto Carlos moveu um processo contra o historiador Paulo Cesar de Araújo, autor de sua biografia não autorizada

DIVULGAÇÃO



amarrando. Não é só você pesquisar, não é só obter o depoimento.

O FENÔMENO

O personagem Roberto Carlos é tão rico, viveu tantas experiências. Um menino que começa cantando aos 9 anos, já tendo perdido uma perna aos 6, você imagina como a vida foi testando ele. Aos 15 anos ele acha que se ficar em Cachoeiro não vai crescer, então pega o trem e vai para Niterói. Lá, ele chega nas rádios querendo ser contratado, mas era um menino interiorano, tímido, com uma voz fora do padrão. Era tudo contra ele. Eu desconfiava que, com esse momento tão difícil, em algum momento ele teria desistido e pensado em voltar para Cachoeiro. Mas como que eu posso dizer isso se, todas as vezes em que foi perguntado, ele dizia: “Não, sempre tive fé”. Aquela visão já construída de estar destinado ao sucesso. E ele não voltou porque no mesmo momento os pais decidem ir para o Rio. E em 1957 ele vai conhecer Tim Maia, Erasmo Carlos... Com o Roberto Carlos você não tem um mito fundador. Foi uma coisa passo a passo, ele foi testado, temperado. A única coisa possível de dizer é que o Roberto se torna um fenômeno seguro de si, do seu sucesso, em dezembro de 1965, quando lança “Quero que Vá Tudo Pro Inferno”, e se torna o mais popular artista do Brasil. Isso historicamente você identifica. Essa música coloca ele onde está hoje, o Rei. Agora, essa personalidade, no caso dele, foi algo construído passo a passo nas recusas, nas negativas, nos vários “nãos” que recebeu. ■

CAPA

SOZINHO CONTRA TODOS

TITA BLISTER



Dono de uma biografia marcada por perdas e controvérsias, Edgar Allan Poe (1809-1849) cravou seu nome na história da literatura com contos e versos obscuros

JOÃO LUCAS DUSI

O nome do escritor e poeta norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) é indissociável do terror e mistério. Mais de 170 anos após sua morte, suas *Histórias Extraordinárias* (reunidas originalmente em 1859 e publicadas no Brasil por várias editoras) estão enraizadas na cultura pop e seus poemas continuam recebendo atenção — especialmente um sobre uma ave de mau agouro.

Em 2019, a SESI-SP Editora lançou a 4ª edição aumentada da coletânea “*O Corvo*” e suas *Traduções*, organizada por Ivo Barroso, reunindo desde as clássicas traduções francesas de Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé até recriações paródicas e duas versões em cordel. “Devido a sua excelência e originalidade, além do efeito hipnótico de sua estrutura, ‘O Corvo’ transformou-se em um dos poemas mais famosos da literatura universal”, diz a editora Caroline Mori Ferreira, responsável pela publicação.

Ainda no ano passado, a Companhia das Letras também revisitou os versos do poeta nascido em Boston

com a coletânea *O Corvo*. Ficou a cargo do carioca Paulo Henriques Britto a tarefa de organizar, escrever o posfácio, verter para o português os ensaios “A Filosofia da Composição”, “A Razão do Verso” e “O Princípio Poético” e tecer críticas sobre as traduções do poema que dá nome ao livro, feitas por Machado de Assis e Fernando Pessoa. Esse extenso trabalho, porém, não impede que a opinião do autor seja pouco entusiasmada: “‘O Corvo’ é um texto fascinante, mas está longe de ser um grande poema. É uma ótima leitura para pré-adolescentes”, afirmou em entrevista concedida ao **Cândido** (leia na página 16).

Essa dualidade com relação aos versos não é de hoje. Desde sua publicação, em janeiro de 1845, na revista *American Review*, “O Corvo” é motivo de palmas e ressalvas — gente do calibre de Ralph Waldo Emerson e Robert Louis Stevenson disparou comentários desfavoráveis, por exemplo, mas não faltaram elogios a esse poema que trata, basicamente, da desgraça e abandono que acometem o homem que perdeu sua amada. A composição meticulosa da obra, esmiuçada pelo próprio Poe no ensaio “A Filosofia da Composição”, foi notada pelo primeiro resenhador, que “chamava a atenção do público americano para os efeitos de aliteração e o jogo de sons em lugares incomuns, dos quais se valia o poeta para criar um clima suscetível de extravasar os sentimentos de perenidade amorosa [...]”, segundo registra Ivo Barroso no texto introdutório de “*O Corvo*” e suas *Traduções*.

Mas nada disso se compara ao impacto que o trabalho de Poe causou em Baudelaire. Quando os escritos do norte-americano chegaram às mãos do francês, o autor de *Paraísos Arti-*

ficiais (1851) e *As Flores do Mal* (1855) elaborou traduções de suas prosas e poemas, em um século em que as versões francesas eram tidas como padrão de excelência e, por consequência, tinham grande alcance. No ensaio “Um Raven e Dois Corvos”, Paulo Henriques é categórico sobre a relação que se estabeleceu: “Baudelaire tornou-se um verdadeiro ‘apóstolo’ de Poe”.

Se esse deslumbramento tem a ver com o teor dos textos, que trazem uma melancolia ferrenha e volta e meia flertam com a loucura e o vício, não cabe a especulação. Mas é um fato que o poeta do Velho Mundo reconhecia a sina de seu colega norte-americano e parecia enxergar na vida miserável que Poe levou — marcada por abandonos, mortes, pobreza e alcoolismo — uma espécie de macabra compensação pelo fato de sua escrita ser tão boa, como se a excelência dependesse do sofrimento. “A natureza torna a vida bastante dura àqueles de quem deseja extrair grandes coisas”, é o que Baudelaire anotou sobre as desgraças vividas pelo companheiro de pena.

GÊNESE DO ARTISTA

Um casal de atores itinerantes trabalha duro para ganhar o pão de cada dia. Em 19 de janeiro de 1809, em meio ao frio da capital de Massachusetts, Elizabeth dá à luz seu segundo filho, Edgar. No ano seguinte, o pai — David Poe, ator medíocre e dado ao álcool — some sem dar notícias. A mãe, sozinha com duas crianças, engravida novamente. Essa família incompleta vive de migalhas alheias e depende dos esforços da matriarca. Pouco tempo depois, em dezembro de 1811, ela morre de tuberculose, deixando um bebê de colo (Rosalie),

um menino de 4 anos de idade (Henry Leonard) e Edgar, o filho do meio, prestes a completar 3.

Os irmãos foram para cantos diferentes. No mesmo ano da morte de sua mãe, Edgar é adotado pela abastada família Allan, de Richmond, Virgínia. O acolhimento foi graças à insistência de Frances Keeling Valentine, esposa de John Allan, que conhecia a situação difícil dos Poe há algum tempo. Houve resistência por parte do patriarca, o que talvez ajude a explicar por que o menino nunca foi oficialmente adotado. É curioso observar esse tipo de percalço desde o início, levando em conta que, dali a pouco mais de duas décadas, após a morte de John, Poe não seria mencionado em sequer uma linha do testamento do rico comerciante. É claro que o fato de os dois terem sido emocionalmente distantes e discutido bastante por muitos anos, uma vez que o filho adotivo deu-lhe um bocado de trabalho, também pode ter contribuído para essa omissão.

Antes de tudo começar a dar errado, porém, a família embarcou no transatlântico *Lothair* — em 1815 — e partiu para Londres, onde John iria tratar de negócios e Poe começaria sua educação formal em uma velha academia com tradição medieval. Sobre essa época, há boatos de que uma das atividades dos alunos era copiar nomes das antigas sepulturas do cemitério da igreja da instituição. Não é nada que possa ser comprovado, mas a morbidez dessa ideia contribui para se criar uma aura sombria acerca do autor de contos como “O Gato Preto”, “A Queda da Casa de Usher” e “O Demônio da Perversidade”. Especulações à parte, foi de sua passagem como estudante pela *Manor House* — em 1817 — que saiu o cená-

CAPA

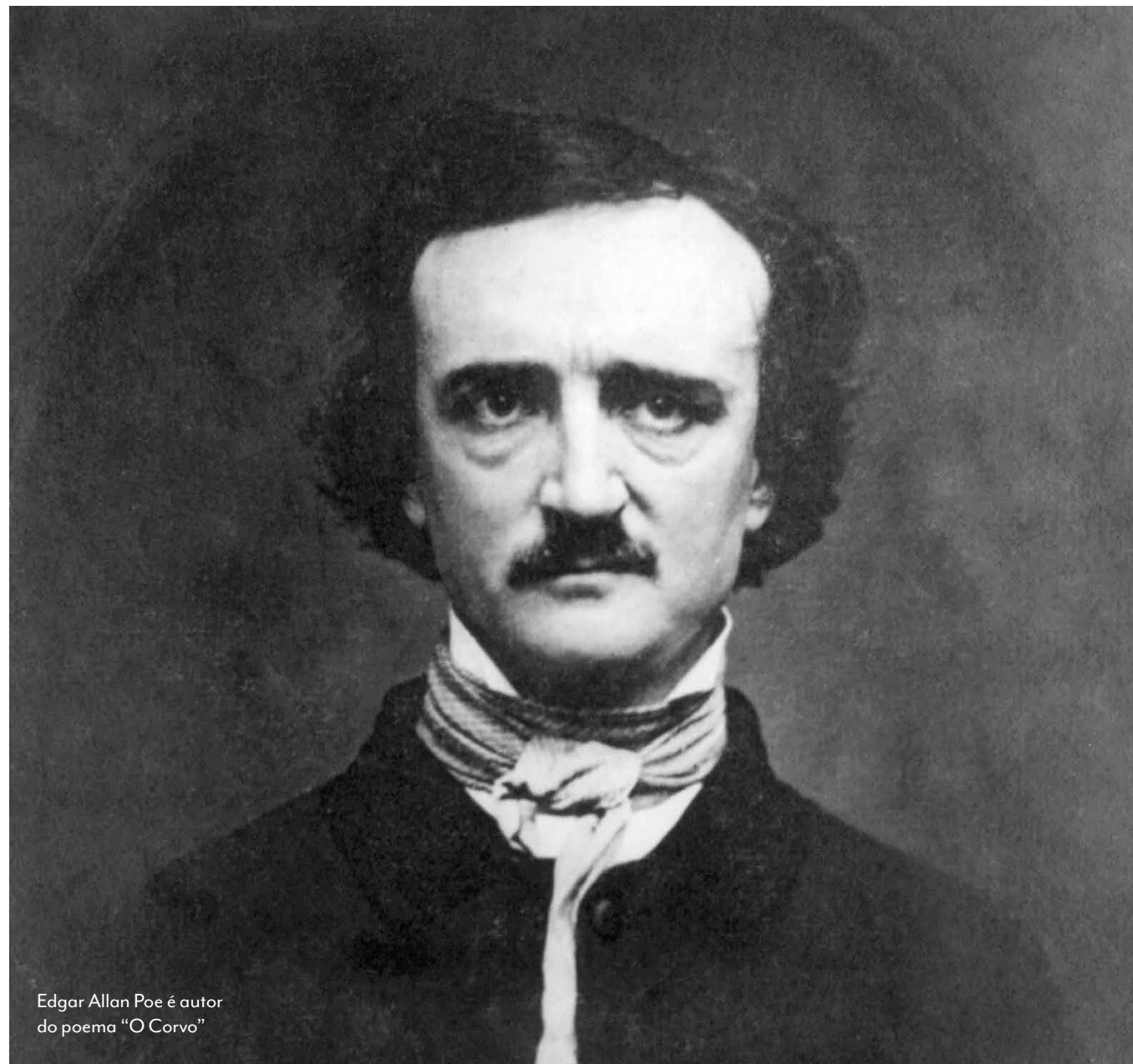
REPRODUÇÃO

rio de “William Wilson”, por exemplo, publicado em 1840 no livro *Contos do Grotesco e do Arabesco*, sua primeira coletânea. Fica claro, assim, que as memórias de adolescência tiveram importância na construção do universo mítico do autor.

DE GALHO EM GALHO

Os negócios iam mal em 1820, fazendo com que a família Allan retornasse aos Estados Unidos. De volta à Virgínia, Poe retoma seus estudos e passa a se destacar em línguas, além de rabiscar seus primeiros versos. Essas experiências iniciais são de tom satírico, a exemplo de “O tempora! O mores!”, o que indica um traço de caráter que será reforçado ao longo de toda sua vida, fazendo-lhe lidar com seus iguais e com seu próprio tempo de maneira distanciada, sarcástica — constantemente atacando os escritores da época com resenhas negativas, o que lhe rendeu o apelido de “Tomahawk Man” (“O Homem do Tomahawk”, uma espécie de pequeno machado que era utilizado por aborígenes da América do Norte), e com curtas passagens por redações de periódicos — *Southern Literary Messenger*, *Graham’s* e *Broadway Journal* — devido ao seu comportamento irregular.

O princípio dessa vida errante se dá na Universidade de Virgínia, em 1826, onde se dedicou ao estudo de línguas românicas antigas e neolatinas. É em meio ao ambiente acadêmico que Poe começa a jogar cartas e acaba endividado. Além de John se recusar a custear a farra do filho adotivo, retira-o da instituição. É aí que a relação dos dois degradinga de vez. Se o patriarca tinha a ambição de que o jovem se tornasse advogado e des-



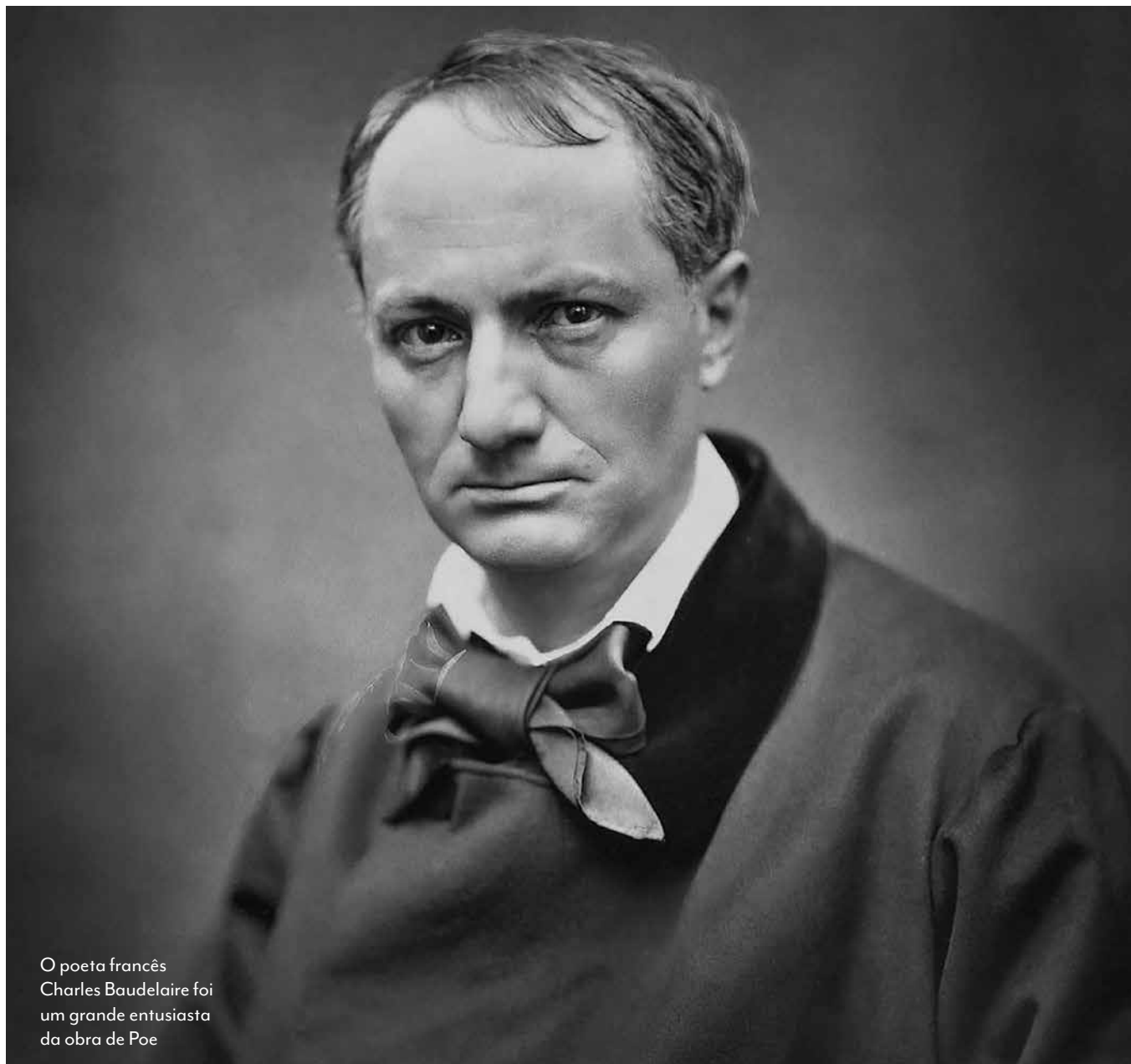
Edgar Allan Poe é autor do poema “O Corvo”

se continuidade ao legado comercial da família, o que acontece é um gradual desgaste que culmina com a partida de Poe da casa dos Allan, em 1831. Já não havia por que dar continuidade àquela relação inamistosa, afinal, Frances Keeling Valentine tinha morrido em 1829 — no mesmo ano, aliás, que Edgar lançara *Al Aaraaf, Tamerlane and Minor Poems*, uma edição revi-

sada e ampliada de *Tamerlane and Other Poems* (1827), publicado quando o escritor já havia saído da universidade e teve sua breve passagem pelo exército norte-americano e a Academia Militar de West Point.

Novamente sem lar, e carregando no peito a morte de duas figuras centrais, ele procura na tia Maria Clemm seu porto seguro — e, naquela casa, encontra uma esposa. Em 1835, casa-se com a prima de 13 anos, Virginia. Para Marie Bonaparte, que publicou um extenso estudo psicanalítico sobre o autor em 1958, o contato de Edgar com as

REPRODUÇÃO



O poeta francês Charles Baudelaire foi um grande entusiasta da obra de Poe

mulheres era mais representativo do que real, isto é, tinha mais peso no imaginário do que em sua satisfação carnal, pelo fato de ele ter passado a vida tentando tapar o buraco deixado pela morte precoce da mãe. Além dessa condição se refletir em sua obra, “repleta de fantasmas de retorno ao corpo materno”, ainda segundo a discípula de Sigmund Freud, vem daí a necessidade de ele constantemente fugir para o estado inebriante oferecido pelo álcool.

Depois de casado, Edgar publicou *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* (1838), sua única incursão pela prosa de

maior fôlego, abriu as portas para a literatura policial com o conto “Assassinatos na Rua Morgue” (protagonizado pelo precursor do detetive Sherlock Holmes, Auguste Dupin), viveu em diferentes estados — Nova York, Baltimore, Filadélfia — e, pulando de galho em galho, foi tentando se sustentar por meio da literatura e atividades relacionadas, como aterrorizar seus pares

com resenhas impiedosas e ministrar conferências sobre os poetas e a poesia dos Estados Unidos. Até que, em 1847, Virginia morre e esse acontecimento parece drenar suas últimas forças.

“A morte de uma mulher bela é, sem sombra de dúvida, o tema mais poético do mundo.” Essa pode ter sido a justificativa de Poe para elaborar o conteúdo de “O Corvo”, mas a realidade se mostrou mais impiedosa — e bem menos romântica — do que a bravata lírica. A morte de Virginia deixou o homem arrasado. Ele passou por um período improdutivo e, em 1848, tentou se suicidar ingerindo 30 gramas de láudano (tintura de ópio). Não deu certo. Há uma foto de Edgar, tirada um dia após essa tentativa frustrada, que expõe “todas as marcas iconográficas do poeta recém-egresso dos infernos”, conforme escreve o concretista Décio Pignatari no livro *Semiótica e Literatura* (1974).

Um ano depois, em Baltimore, Poe foi encontrado em um estado lamentável em frente a uma taverna e levado para um hospital. Morreu em outubro de 1849, aos 40 anos, em uma situação que serviria bem a um personagem de seus contos — cercado de desconhecidos, sem ter conquistado (em vida) o reconhecimento pelo qual lutou, tendo perdido todas as pessoas que mais amou, enfim, sozinho. Sozinho como provavelmente se sentiu a vida inteira, como estes versos do poema “Só” (1829), em tradução de Augusto de Campos, sugerem: “Desde criança eu não sentia / Como os demais e nunca via / O que outros viam. Sempre quis / Outro querer, de outro cariz. / A minha dor tinha outros veios, / Minha alegria outros anseios, / Minha paixão, diversa lei. / Tudo o que amei, só eu amei”. ■

ENTREVISTA | PAULO HENRIQUES BRITTO

NA COMPANHIA DO MEDO

O poeta e tradutor discute a relevância do poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, e o impacto que o autor norte-americano teve sobre a literatura moderna

JOÃO LUCAS DUSI



FÁBIO SANTIAGO



O autor norte-americano Edgar Allan Poe é um dos nomes incontornáveis da literatura moderna. Entre outros feitos, criou a ficção policial e abriu caminhos para o estruturalismo, como o próprio Roman Jakobson (1896-1982), um dos pioneiros da análise estrutural da linguagem, reconhece. Apesar dessa influência sobre um movimento que prioriza a forma ao conteúdo, Poe produziu uma ficção arquirromântica e recheada de chavões da literatura chamada “gótica” nos países falantes da língua inglesa — é o que diz o premiado poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, que organizou, escreveu o posfácio e traduziu ensaios do escritor para a coletânea *O Corvo*, lançada em 2019 pela Companhia das Letras.

Falando especificamente do poema que dá nome ao livro, em entrevista concedida por e-mail ao **Cândido**, o autor de *Nenhum Mistério* (2018) se faz claro: “É um texto fascinante, mas está longe de ser um grande poema”. Os versos, que deixaram-lhe encantado aos 12 anos de idade, quando estudava nos Estados Unidos, hoje soam-lhe “o equivalente textual de um filme B de terror, estrelado por Béla Lugosi ou Vicent Price”.

Edgar Allan Poe levou uma “vida de poeta” — foi pobre, alcoólatra e endividado, conforme você aponta em “Um Raven e Dois Corvos”. Ele é um daqueles casos em que o mito do escritor se tornou maior do que sua obra?

Talvez. Mas maior que a obra e o mito, sem dúvida, é o impacto que ele teve sobre a literatura moderna, a começar pela influência direta exercida sobre Baudelaire e Mallarmé, e indiretamente sobre o simbolismo e o modernismo. Também é necessário lembrar que Poe criou um gênero de literatura de consumo que ganhou muita importância no século XX: a ficção policial.

Em “A Filosofia da Composição”, Poe diz que “O Corvo” foi escrito com “a precisão e a sequencialidade de um problema matemático”. Como separar a imagem do autor boêmio, que morreu na sarjeta, desse poeta metódico?

É justamente esse um dos aspectos mais fascinantes de Poe: o que nos parece ser uma contradição gritante entre sua poesia e ficção arquirromânticas e as posições que ele defende no ensaio em questão. Ainda que as afirmativas dele não devam ser levadas de todo a sério, o fato é que “A Filosofia da Composição” abre caminho para a crítica for-

ENTREVISTA | PAULO HENRIQUES BRITTO

malista moderna, a *close reading* e o estruturalismo, como ninguém menos que Roman Jakobson reconhece.

No mesmo ensaio, e na contramão do pragmatismo exposto na questão anterior, Poe afirma que “um poema só é poema na medida em que excita, pela elevação, a alma”. Essa constatação parece resvalar na dicotomia forma / conteúdo — há pragmatismo na elaboração poética, mas o objetivo é pungir em algo tão inclassificável quanto a “alma”. Em “O Corvo”, especificamente, quais as engrenagens que trabalham para gerar essa potência?

Sim, junto com uma visão moderníssima do poema como construto verbal, encontramos em Poe toda uma retórica romântica do sublime. É muito curioso. O efeito do poema é gerado basicamente por dois elementos: o ritmo hipnótico e a linguagem exaltada. E o efeito é, acima de tudo, o medo: todo o artesanato formal sofisticado de “O Corvo” é utilizado, em última análise, para criar o equivalente textual de um filme B de terror, estrelado por Béla Lugosi ou Vincent Price.

Apesar do sucesso imediato que acompanhou a publicação de “O Corvo”, nomes como Ralph Waldo Emerson e Henry James tiveram ressalvas quanto aos versos. Já o francês Baudelaire, por outro lado, tornou-se um “apóstolo” de Poe. A que se deve essa disparidade? Há algum tipo de “sensibilidade” que faltou a alguns críticos norte-americanos?

Tendo a concordar com essas ressalvas. Henry James aponta com razão uma certa imaturidade na sensibilidade de Poe. Também é verdade que ele abusa de chavões da literatura chamada “gótica” nos países anglófonos: castelos medievais, segredos indizíveis, gatos pretos, cemitérios à meia-noite... Por outro lado, os franceses, do outro lado do Atlântico, perceberam o que havia de poderoso e novo em Poe — eu citaria, além do que já mencionei, a percepção da metrópole moderna como cenário novo para a poesia. Isso está lá em “O Homem da Multiplidão”, texto que foi comentado e / ou reescrito em prosa e verso por Baudelaire, Mallarmé, Valéry, Benjamin... A “descoberta” de Poe na França é um fenômeno que vai se repetir no século XX no cinema: foram os franceses que “descobriram” o gênero *film noir* e que valorizaram

Jerry Lewis, que nenhum crítico levava a sério nos EUA.

No decorrer do ensaio “A Filosofia da Composição”, Poe tenta convencer o leitor de que “O Corvo” é a estrutura poética perfeita. Você, como experiente prosador, poeta e tradutor, foi convencido pela argumentação do autor estadunidense?

De jeito nenhum! “O Corvo” é um texto fascinante, mas está longe de ser um grande poema. É uma ótima leitura para pré-adolescentes.

Você visitou os versos de “O Corvo” bem novo. Agora, na coletânea lançada pela Companhia das Letras, analisou-o com profundo rigor acadêmico. Como foi retornar ao poema sob essa perspectiva? Esmiuçar — de forma lógica — os versos ou a prosa de um autor pode fazer com que um certo encanto se perca?

Não há como recuperar, depois dos 30 anos de idade, o *frisson* provado pela leitura de Poe aos 12, ainda mais quando se é um estudioso da forma poética e da tradução literária. Não que isso aconteça com a obra de qualquer autor, de qualquer artista; algumas obras (ainda que não muitas) que me empolgaram nessa idade até hoje me causam admiração; mas Poe não é um autor que entusiasme leitores maduros, ao menos hoje em dia, quando os efeitos que ele explorava foram fartamente diluídos pela literatura de consumo, o cinema e os gibis. Muitos aspectos da obra de Poe que me fascinavam quando eu era menino são justamente os que agora me impedem de levá-lo totalmente a sério: toda a maquinaria pesada e artificial de emparedados vivos,

castelos a desmoronar, mortos-vivos a se transformar em podridão num piscar de olhos. Mas há que reconhecer: a extrema perícia do autor ao lidar com os recursos da versificação inglesa não deixa de provocar admiração.

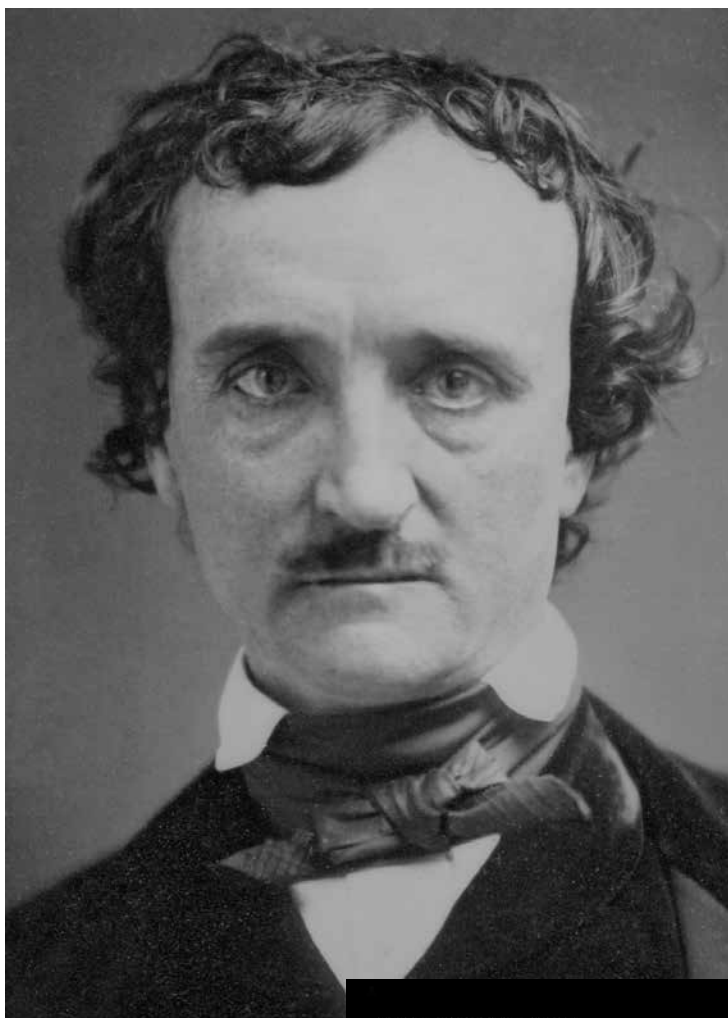
Por que Allan Poe ainda segue tão atrativo para a juventude do século XXI? Na sua opinião, que desde criança teve contato com o conteúdo do autor, o que ele tem de tão cativante?

É mesmo verdade que Poe continua sendo interessante para leitores pré-adolescentes? Não sei. No caso do poema em questão, talvez ainda tenha impacto sobre um leitor muito jovem o ritmo mecânico, obcecante; mas o efeito de terror ainda funcionará? Muito do que me atraiu em “O Corvo” eu já havia encontrado num outro poema que marcou minha infância — “I-Juca-Pirama”, outro poema narrativo com ritmos irresistíveis e uma história exótica e macabra. Mas hoje o poema de Gonçalves Dias me parece bem superior ao de Poe; creio que ele resiste melhor a uma leitura feita em idade adulta.

Concorda com Poe: a melancolia é o mais legítimo dos tons poéticos?

Não. Poesia é algo muito maior do que imaginavam os românticos — como, aliás, sabiam perfeitamente os poetas do século XVIII, e também de séculos anteriores. Os românticos estreitaram muito o âmbito do poético, e — apesar de todas as realizações do modernismo, que retomou muito de bom do passado pré-romântico, além de criar coisas novas — essa visão estreita se tornou a visão de lugar-comum da poesia até hoje. O que é uma pena. ■

REPRODUÇÃO



POE À BRASILEIRA

“Alguns dias de obsessão e a coisa estava pronta”, contam os professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves, que verteram para o português — de forma crítica — o poema “O Corvo”, de Edgar Allan Poe (1809-1849). O projeto começou com uma conversa no pátio da instituição em que lecionam e foi publicado no livro que assinam juntos, *Algo Infiel: Corpo Performance Tradução* (2017), como parte de um procedimento tradutório que chamaram de “tradução-exu”, em alusão ao orixá e à “política de tradução” escolhida pela dupla. Nas mãos de Gontijo e Rodrigo, a ave de mau agouro ganhou nova representação em solo nacional — a começar pelo nome, “O Urubu”, um símbolo “do negro, do escravo, do excluído do jogo da racionalidade europeia”. Apesar de a recriação manter todo o malabarismo formal do trabalho do norte-americano (ritmo, rimas, jogos sonoros), ela dessacraliza os versos e apresenta uma alternativa tradutória crítica ao que eles definem como o “germe de um homem branco burguês romântico

que lamentava a morte de sua amada angélica”, referindo-se ao enredo do poema.

Na versão brasileira, o que a ave anuncia obsessivamente deixa de ser o “complicado e esfuziante ‘Nunca mais’”, nas palavras dos autores da tradução, para se tornar um “afrontamento e um rebaixamento”: “Noteucu”. Eles reconhecem que, à primeira vista, essa escolha rímica (Urubu / Noteucu) pode parecer “mero jogo (pré-)adolescente de prazer escatológico”, mas há um raciocínio que embasa essa opção estética.

Apesar de ser tratada pelo público quase unanimemente como paródia, eles tentaram elaborar algo quase agressivo com a recriação. A partir dessa “irreverência crítica que relança o texto com seus problemas em outro mundo”, isto é, abandona as terras estadunidenses para desembarcar em clima tropical, Gontijo e Rodrigo buscaram revirar Poe ao contrário, trazê-lo para mais próximo do público-alvo e suscitar a reflexão. “Um gesto de parricídio, arrogância, um gesto pós-colonial”, afirmam.

guilherme gontijo flores
rodrigo tadeu gonçalves
fotografias rafael dabul



ALGO INFIEL
CORPO PERFORMANCE TRADUÇÃO



CURIOSIDADES

O POE É POP

Do cinema ao futebol americano:
alguns exemplos da influência de Edgar
Allan Poe para além da literatura

JOÃO LUCAS DUSI

UM BRINDE

Por mais de meio século, uma homenagem aconteceu no túmulo honorário de Edgar Allan Poe (1809-1849), no cemitério de Westminster Hall, em Baltimore. No dia do aniversário do autor (19 de janeiro), desde 1949, um homem misterioso ia até seu cenotáfio (lápide onde o corpo não está enterrado) deixar três rosas vermelhas, carregando uma garrafa de bom conhaque francês e vestindo roupas pretas. Após um brinde à memória de um dos mais

importantes nomes da literatura ocidental, a figura — conhecida como “Poe Toaster” (algo como “alguém que brinda ao Poe”) — deixava as flores e partia. A tradição caiu nas graças dos curiosos e parece que, ao longo dos anos, foi passada de pai para filho — que não levou o compromisso anual tão a sério. As visitas cessaram em 2010, quando começaram a aparecer impostores — facilmente identificáveis devido aos erros que cometiam com relação aos procedimentos metódicos do visitante original.



REPRODUÇÃO

VINCENT

No primeiro curta-metragem de animação do diretor norte-americano Tim Burton, lançado em 1982, Vincent Malloy tem 7 anos de idade e é aficionado por Edgar Allan Poe. Ele mora com a família, mas preferiria dividir o espaço com aranhas e morcegos. Quando não está sonhando em transformar seu cachorro em um zumbi, para que possam sair atrás de vítimas em meio ao nevoeiro de Londres, o menino imerge nas narrativas de Poe. Nesse universo obscuro, a imaginação vai longe e o faz sentir-se atormentado, quase insano. A mãe tenta salvá-lo da iminente derrocada, avisando que há sol fora do quarto e que o dia está bonito, e que ele não está louco coisa nenhuma. Tarde demais. A criança que queria ser Vincent Price — famoso ator de filmes de suspense e terror que narra esse curta produzido em *stop motion* — sucumbe à tormenta, citando versos de “O Corvo”.



DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

MASCOTE

O animador oficial da torcida do time de futebol americano da cidade de Baltimore, os Ravens (“Corvos”), atende pelo nome de Poe. A princípio, ele não estava sozinho. Acompanhado de seus irmãos Edgar e Allan, o trio formava uma homenagem completa ao escritor norte-americano, no que cada um deles trazia qualidades que um jogador precisa ter para exercer determinada função dentro de campo — um mais alto e de ombros largos (Edgar), outro mais baixo e magro, porém muito rápido (Allan), e um terceiro que é pequeno e robusto. Após o final da temporada de 2008, no entanto, os dois primeiros se aposentaram e Poe virou o mascote exclusivo do time.

DIVULGAÇÃO



EM QUADRINHOS

No ano passado, a editora Figura trouxe ao Brasil os traços do quadrinista italiano Dino Battaglia (1923-1983), dono de um estilo que joga com luzes e texturas, tornando-o uma opção acertada para transformar em histórias em quadrinhos as narrativas de Edgar Allan Poe. *A Máscara da Morte Rubra* e *Outros Contos de Poe* reúne trabalhos de Battaglia publicados originalmente na revista italiana *Linus*, entre 1968 e 1973. Além do conto que dá nome à obra, a coletânea traz “A Queda da Casa de Usher”, “A Peste” e “A Extraordinária Aventura de Hans Pfaall”, entre outros.



DIVULGAÇÃO

CINEMA

Em 1968, o italiano Federico Fellini e os franceses Roger Vadim e Louis Malle lançaram suas versões cinematográficas de três *Histórias Extraordinárias* de Poe. No filme, os contos “Metzengerstein” (Vadim), “William Wilson” (Malle) e “Nunca Aposte Sua Cabeça com o Diabo” (Fellini) são reinterpretados pelos diretores, com atuações de nomes como Brigitte Bardot, Alain Delon e Jane Fonda. As narrativas passam pela clássica história do duplo (uma versão análoga ao personagem principal, mas que tem um comportamento ardiloso), alcoolismo, avareza, suicídio e um pacto com o anjo caído.



TEATRO

Em homenagem aos 210 anos de nascimento de Edgar Allan Poe, em 2019, a Companhia Nova de Teatro — fundada em São Paulo pelo diretor Lenerson Polonini, em parceria com a atriz e figurinista Carina

Casuscelli — montou o espetáculo “A Cripta de Poe”. A peça, que conta com apoio videográfico para criar um clima fantasmagórico e de suspense, foi baseada no poema “O Corvo” e nos contos “William Wilson”, “Ligéia”, “Berenice”, “O Retrato Oval” e “O Espectro”. A partir desse mergulho no universo do autor norte-americano, a apresentação — dirigida por Polonini — traz tudo o que há de neurótico e obscuro nos textos. ■

DIVULGAÇÃO



ROMANCE | LIVIA GARCIA-ROZA

NÃO SABIA QUE NOS AMÁVAMOS TANTO

Oitenta anos essa noite. Oitenta. E ainda estou no planeta. Na última e decisiva instância. O último movimento do tempo. Não tenho certeza de coisa alguma, apenas que estou viva. E pensar que quando minha mãe fez quarenta anos eu tive pena dela. Passei o dia observando-a, aguardando o pranto. E ela, impassível. Um cisne. Já a perdi há tantos anos e mamãe continua inteira na lembrança. Mãe é imperdível. Continua aqui, lá, além, no céu dos sonhos — nos antigos gritos. Queria tanto encontrá-la numa esquina, mesmo que estivesse apressada para um ensaio. Mamãe!, eu diria, que saudades, há quanto tempo não nos vemos... Você está tão bonita... (tanta vontade de perguntar se ainda se lembrava de mim...) E ela diria que estava atrasada para o ensaio com a orquestra, e eu

a veria caminhando de costas, em seu vestido leve, seus passos apressados, levando partituras no braço, sua bolsa ventava, e ela sumiria por entre nuvens. Outra vez. Na verdade, tenho pensado muito neles, na minha família de origem. Há vinte e cinco anos sem a presença plena de meu pai. Há dez anos sem ouvir o som da harpa de minha mãe. Há dezenove anos sem o silêncio de meu irmão. É muito. Às vezes, é tudo. No entanto a vida prossegue. Em frente.

Perder demanda um grande esforço. Vida sem chance de regresso, de respiro, de reparo, quando súbito cessa o torvelinho e há calma no infinito. Quando meu pai dizia que a vida era curta, e mamãe, que era um sopro, e minha avó, Salve-nos, Senhor!, eu só pensava na minha infância, farta e bela. Hoje, sinto medo dessa urgência, dessa presteza infinita, dessa fúria que nos ameaça com a carência dos dias. Nisso tudo, estou fazendo oitenta anos. Uma coisa muito forte para uma pessoa da minha idade. Vou interromper um momento para tomar providências. É bom pôr o Prosecco na parte de cima da geladeira. Pra ficar bem geladinho. Não sei onde coloquei o batom novo... A cor que havia tempos eu procurava. Estava aqui na minha frente: forte,

TITA BLISTER





terrosa, acabada. Acabada não é uma boa palavra para essa noite. Espero amigos. Farei uma reunião íntima com os que puderem vir, naturalmente. Há pouco tivemos um raio de sol na sala. Já era tarde. Que tarde. Vou subir as persianas e abrir as janelas. Deixar entrar a brisa fresca. As folhas da amendoeira em frente se agitam. Janela é uma palavra linda, quando se abre nos dá o mundo. ■

LIVIA GARCIA-ROZA estreou na ficção com o infantojuvenil *Quarto de Menina* (1995). É autora de *Meus Queridos Estranhos* (2017), *Amor em Dois Tempos* (2014), *Milamor* (2008) e *Meu Marido* (2006), entre outros livros. O trecho publicado pelo **Cândido** faz parte do romance memorialístico *Não Sabia que Nos Amávamos Tanto* (título provisório), entregue à Companhia das Letras e ainda sem data de publicação definida.

REPORTAGEM

LIVROS LADO B

Editoras independentes brasileiras promovem uma pequena onda de lançamentos de títulos sobre artistas do rock alternativo

FÁBIO GALÃO

Livros sobre artistas do rock alternativo, ou escritos por eles, costumam ficar escondidos nas prateleiras dedicadas à música das grandes livrarias brasileiras e engrossam apenas esporadicamente o catálogo das maiores editoras do país. Insatisfeitas com isso, pequenas editoras estão promovendo no mercado nacional uma leve enxurrada de títulos, que deságua principalmente via *e-commerce* e no circuito de livrarias independentes, de rua, além de lojas de discos.

A onda ganhou cores mais regionais recentemente com *Corredor Polonês — Patife Band e a Criação da Obra-prima Esquecida do Rock Brasileiro*, do fotógrafo Marcelo Dallegrave e da jornalista Melissa Medroni, publicado pela editora curitibana Barbante. Lançado em 1987, *Corredor Polonês* foi o único álbum da banda Patife Band, projeto do londrinense Paulo Barnabé (leia entrevista com ele na página 27) que marcou época no *underground* por sua mistura da agressividade do punk rock com técnicas da música erudita e de vanguarda. Com textos sobre cada faixa, o livro combina informações sobre a composição e

gravação do repertório com impressões e lembranças dos autores, como do show de lançamento do álbum que Dallegrave viu em Curitiba, no Paiol, em 1988.

“É um disco cultuado até hoje porque o Paulo é um gênio, sabia o que estava fazendo. Era algo diferente do que estava acontecendo, que vinha da vanguarda paulista, fora da curva. E também porque não está mais disponível em lugar nenhum. Não existe no Spotify, a gravadora não relança. Eu considero um dos cinco melhores discos do rock nacional”, afirma o fotógrafo.

Corredor Polonês foi o quarto lançamento sobre música da Barbante, que também se dedica a outras áreas, como fotografia, literatura e livros infantis. “Mas a música é o carro-chefe da editora. Só não cravamos isso porque seria limitador”, explica Alessandro Andreola, que criou a editora em 2016 com a também jornalista Paola Marques.

Andreola, que já havia trabalhado em jornalismo cultural, produção de rádio, discotecagem e curadoria musical na internet, escreveu a coletânea de artigos *Música do Dia* (2016) e *The War on Drugs: Lost In The Dream* (2017), ambos da própria editora. O segundo foi relançado para abrir, junto com *Corredor Polonês*, a série *Sound+Vision* (título de uma música de David Bowie), que aborda, faixa a faixa, álbuns de bandas alternativas em textos acompanhados por artes inspiradas nas canções — no caso do disco da Patife Band, fotos conceituais de Theo Marques.

“O que gosto mais na coleção 33 1/3 [série criada pelo editor britânico David Barker na qual *Sound+Vision* foi inspirada] é que ela é bem aberta, vai de Velvet Underground a Céline Dion. E eu sentia falta de coisas mais contemporâneas, tem muita banda que a gente curte que não tem nada [livros] em português”, diz Andreola. A Barbante também lançou *Ouçá Este Livro!*, de Cassiano Fagundes, e planeja traduções de títulos estrangeiros sobre música. “A gente acredita que existe público para isso”, aponta o editor.

FORMAÇÃO ANALÓGICA

Outras pequenas editoras brasileiras também têm se dedicado a lançamentos de livros relacionados ao universo da música *indie*. A paulista Terreno Estranho foi criada a partir do programa de rádio homônimo de Nilson Paes e tem o jornalista Fabio Massari como conselheiro editorial.

“O público que cresceu ouvindo essas bandas foi evoluindo e amadurecendo junto com elas, então são pessoas que querem lembrar aquela época e /ou ter acesso a informações e curiosidades sobre os artistas que admiraram a vida toda. E, por ser um público mais maduro, tem poder aquisitivo para comprar livros, que é um produto caro no Brasil”, diz o editor Marcelo Viegas — que explica que, pelas tiragens pequenas e pelo acabamento, os preços de capa acabam sendo mais altos.

Assim como outras editoras do nicho, a Terreno Estranho não lança *e-books*. “Estamos falando de um público formado no analógico, que cresceu com LP, K-7, CD. Para ele, essa questão tátil, de ter o produto na mão, ainda é importante”, justifica Viegas.

Outra editora paulistana com origem em uma atividade diferente é a Powerline, agência de conteúdo musi-

cal e curadoria de shows criada em 2014 e que desde 2018 lançou três livros de / sobre artistas alternativos — sempre relacionados a eventos da agência. Um deles, *Tranny: Confissões da Anarquista Mais Infame e Vendida do Punk Rock*, é a autobiografia de artista transgênero Laura Jane Grace, líder da banda Against Me!, que tocou no Brasil em 2018.

“A gente depende muito dos shows para ter fôlego para lançar os livros, que não dão lucro, apenas se pagam. Em 2019, com poucas bandas se interessando em tocar no Brasil e a alta do dólar, tivemos menos shows, mas para 2020 temos dez agendados e estamos pensando em outros livros”, aponta Raquel Francese, sócia da editora.

Assim como a Powerline, a também paulistana Sapopemba teve seu primeiro lançamento, uma biografia do The Jesus and Mary Chain, amplificado por um evento: a passagem da lendária banda escocesa pelo Brasil em 2019. “A ideia era até lançar mais para a frente, mas antecipamos por causa do show”, diz o jornalista Filipe Albuquerque, um dos sócios da empresa e que mora em Curitiba.

A Sapopemba, entretanto, não quer ficar restrita a títulos sobre música — o segundo lançamento da editora foi *Patrix, A Revolução de Uma Santa Pecadora*, de Nadia Bolz-Weber. “Tudo que é cultura pop nos interessa, e a Nadia se encaixa muito nisso. Ela é uma ministra luterana dos Estados Unidos, mas tem uma abordagem muito diferente, é toda tatuada, cita bandas de rock e tem um ponto de vista muito mais progressista do que se espera de um líder religioso tradicional”, aponta Albuquerque.

A reportagem do **Cândido** preparou uma seleção com nove títulos publicados nos últimos anos por editoras *indie* brasileiras. Veja a seguir.



A banda de punk rock norte-americana Against Me! é liderada pela vocalista transgênero Laura Jane Grace (à direita)

THE WAR ON DRUGS: LOST IN THE DREAM

Alessandro Andreola, Barbante, 2017

Ensaio sobre o terceiro disco da banda americana The War on Drugs, liderada por Adam Granduciel, com ilustrações de André Ducci acompanhando cada faixa. “Foi um projeto pessoal meu, estava obcecado por esse disco e fiz [o ensaio] para tirá-lo do meu sistema”, diz o autor.



THE SICK BAG SONG

Nick Cave, Terreno Estranho, 2018

Relato pessoal do ex-Birthday Party e atual líder dos Bad Seeds — um dos nomes fundamentais da mistura de *indie rock* com a escuridão do som “adulto” de Leonard Cohen — sobre uma turnê de 22 dias pelo Canadá e pelos Estados Unidos em 2014.



CORREDOR POLONÊS — PATIFE BAND E A CRIAÇÃO DA OBRA-PRIMA ESQUECIDA DO ROCK BRASILEIRO

Marcelo Dallegrave e Melissa Medroni, Barbante, 2019

O processo de composição e gravação do álbum é dissecado com base em relatos de Paulo Barnabé, de outros integrantes da banda à época e do produtor Pena Schmidt, em meio a reflexões como “o que Fernando Pessoa pensaria ao ouvir a versão musicada de ‘Poema em Linha Reta?’”.



VAMOS NESSA (PARA PODERMOS VOLTAR)

Jeff Tweedy, Terreno Estranho, 2019

Autobiografia do ex-integrante do Uncle Tupelo, que se tornou bem mais conhecido como líder do Wilco, banda de Chicago respeitada por levar *folk* e *country* (com algum experimentalismo) às plateias de *indie rock*.



JRNLS80S

Lee Ranaldo, Terreno Estranho, 2018

Ao lado de *A Garota da Banda*, autobiografia da vocalista Kim Gordon que saiu no Brasil por um selo da Rocco, este livro é fundamental para os fãs do Sonic Youth. Aqui, o guitarrista reúne anotações de diário, poemas, cartas, letras e divagações dos primeiros anos do quarteto nova-iorquino.



TRANNY

Laura Jane Grace, Powerline, 2018

A vocalista da banda *punk* Against Me! descreve sua vida e carreira com foco na mudança de gênero, anunciada em 2012, quando tinha 32 anos de idade e a banda, 15 de estrada. O primeiro disco do grupo após a mudança foi intitulado *Transgender Dysphoria Blues* (“Blues da Disforia de Gênero”).



REPORTAGEM

DIVULGAÇÃO



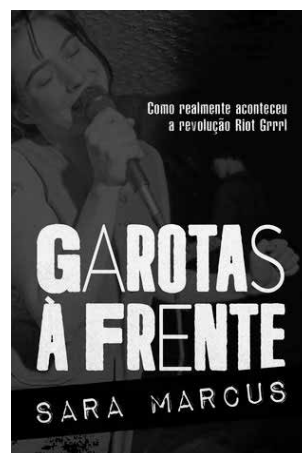
A banda escocesa The Jesus and Mary Chain se apresentou no Brasil em 2019



NOSSA BANDA PODIA SER SUA VIDA

Michael Azerrad, Powerline, 2018

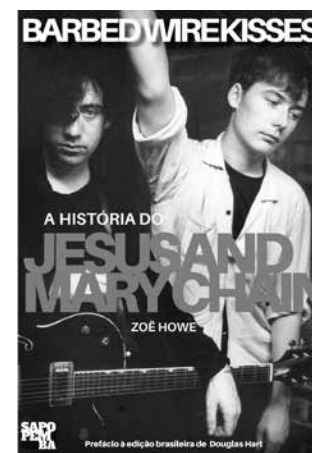
O livro do jornalista americano reúne breves biografias de dez bandas seminais do rock alternativo americano dos anos 1980, como Black Flag, Hüsker Dü e Fugazi, que pavimentaram o caminho para que o Nirvana e outros grupos oriundos de pequenas gravadoras estourassem na década seguinte.



GAROTAS À FRENTE

Sara Marcus, Powerline, 2019

A história do movimento Riot Grrrl (“garota tumulto” — com a imitação do som de um rosnado), vertente do *indie* e *punk rock* praticada por garotas que, como o nome indica, não levam desaforo para casa. O lançamento ocorreu no mesmo período em que a banda russa feminista Pussy Riot fez shows no Brasil.



BARBED WIRE KISSES — A HISTÓRIA DO JESUS AND MARY CHAIN

Zoë Howe, Sapopemba, 2019

O livro aborda tanto a música dos irmãos Reid, que influenciaram meio mundo com microfonia aplicada a melodias do pop dos anos 1950 e 60, quanto a interminável disputa de egos da dupla — capaz de brigar por não concordar se o novo lanche do McDonald’s tem gosto de comida mexicana ou indiana.

ENTREVISTA | PAULO BARNABÉ

DALTON COM ATONALISMO

FÁBIO GALÃO

Paulo Barnabé encabeçou a Patife Band nos anos 1980. Ao lado de seu irmão Arrigo e de Itamar Assumpção, foi personagem fundamental da chamada Vanguarda Paulista — movimento gestado no Norte do Paraná, que apresentou novas possibilidades para a música brasileira daquela década.

Em entrevista ao Cândia, Paulo falou, entre outros assuntos, do processo criativo do álbum *Corredor Polonês* (1987) e de como lidou com a ideia de seu disco ter se transformado em um livro, assinado pela jornalista Melissa Medroni e pelo fotógrafo Marcelo Dallegrave.

O que achou de *Corredor Polonês* ter virado livro?

O Marcelo (Dallegrave) me procurou e não fiquei muito “afins” de cara. Mas a gente foi conversando, ele foi colocando a ideia dele, fazendo as perguntas, e foi legal porque pude expor meu processo de composição, como foi a preparação dos músicos...

Por que acha que o disco é cultuado até hoje?

É uma linguagem que não ficou datada, é um som atemporal, poderia ter sido gravado hoje em dia e iria despertar a mesma curiosidade. Gente mais nova vem me procurar até hoje por causa do *Corredor Polonês*.

Como desenvolveu a sonoridade e a estética do álbum?

Eu fui buscar essa linguagem pop, desenvolvida desde a época em que trabalhei com o Arrigo, desde Londrina, com atonalismo, ritmos quebrados, algo fora do padrão. E, quando terminei o trabalho com o Arrigo, já tinha uma linguagem que queria explorar. Tem músicas como “Pesadelo”, que eu gravei no miniLP de 1985 e também no *Corredor*, que tinha sido composta a duas mãos ao piano, eu e o Arrigo, em 1980. Era para uma ópera que a gente estava escrevendo para depois do *Tubarões Voadores* (disco de Arrigo) e o livreto seria meu e do Robinson Borba. Não deu certo e eu coloquei dentro da minha estética. “Tô Tenso” tinha sido escrita junto com o Arrigo e o Itamar Assumpção, mas em um formato diferente. E eu me aproximei do pessoal do início do punk de São Paulo, como o Clemente



A Patife Band foi criada por Paulo Barnabé em 1984

(dos Inocentes), como os Ratos de Porão, o que me ajudou também.

Você já disse que sua maior preocupação quando compõe é o instrumental. Como escreve as letras?

Quando tenho uma frase (musical), ela me inspira algum tema e eu transformo em um personagem. Qualquer coisa que eu vejo pode me influenciar — filmes, literatura. As minhas letras não são em forma de

poesia, são descritivas, diretas, sem rima, na linha do (Allen) Ginsberg, mas não quero dizer que ele foi influência minha. Um cara que me influenciou muito foi o Dalton Trevisan: letras como as de “Neide Manicure Pedicure” e “Acapulco Drive-In” (músicas de discos de Arrigo com letras de Paulo) foram inspiradas pelos contos dele. ■

FÁBIO GALÃO é jornalista. Trabalhou na *Folha de Londrina* e colaborou com publicações da Editora Abril e veículos como *Gazeta do Povo* e *Rede Massa*.

RODRIGO FONSECA/DIVULGAÇÃO

CLIQUES EM CURITIBA | JULIANA DE ALBUQUERQUE





JULIANA DE ALBUQUERQUE é escritora e colunista do jornal *Folha de S.Paulo*. Mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv, Israel, atualmente cursa doutorado em Filosofia e Literatura Alemã na University College Cork, Irlanda. As fotos publicadas pelo **Cândido** foram produzidas durante a primeira visita de Juliana a Curitiba, em dezembro do ano passado. “Gosto de fotografar as pessoas que conheço durante as minhas viagens”, conta a escritora, que costuma postar registros de suas andanças no Instagram @ thestardust.



RELEITURA

POR MÃ MATIAZI

SEMPRE FUI FASCINADA PELA OBRA DE EDGAR ALLAN POE.

ENCANTAVA-ME A AURA DE PESADELO.

AS CRIATURAS SÓRDIDAS,

A SOMBRIA FRAGILIDADE DA SANIDADE,

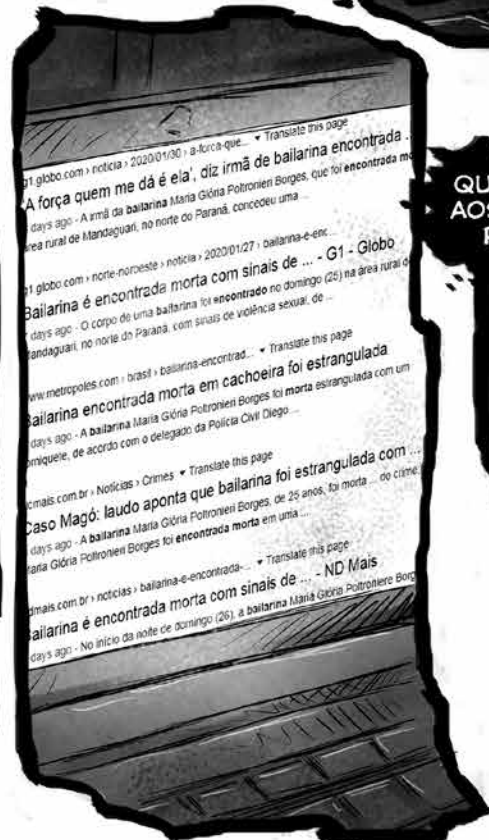
OS CENÁRIOS MACABROS.

O OLHAR PERTURBADOR,



FOI QUANDO FUI DOMINADA...

...PELOS MEDOS REAIS DA VIDA,



QUE ME SALTOU AOS OLHOS UMA REALIDADE

NUNCA ANTES PERCEBIDA:



POEMA | CINTHIA KRIEMLER

ILUSTRAÇÃO: TITA BLISTER

TEMPO DE CÃES

*Os cães russos de Pavlov
salivavam para um metrônomo.
Estímulo e resposta: o jogo cruel do ludíbrico.*

*Para os cães russos de Pavlov,
em sua espera por recompensa palatável,
o som do metrônomo era o anúncio do paraíso de leite e mel.*

*Os cães russos de Pavlov
não sabiam que a fome irracional que os subjugava
se chamava reflexo condicionado*

*nem entendiam que não havia mais alimento
quando o metrônomo oscilava
em cliques temporizados.*

*Aquele era um tempo de cães.
Este é um tempo de homens que salivam.*

CINTHIA KRIEMLER é poeta, contista e romancista. Publicou, entre outros, *Tudo que Morde Pede Socorro* (romance, 2019), *Exercício de Leitura de Mulheres Loucas* (poesia, 2018) e *Na Escuridão Não Existe Cor-de-Rosa* (conto, 2015).

TUTURDUM
ET SILENTIO

TUTURDUM
ET SILENTIO